

GAZETA MEDICA DA BAHIA

PUBLICADA

POR UMA ASSOCIAÇÃO DE FACULTATIVOS, E SOB A DIRECÇÃO

Do Dr. Virgilio Climaco Damazio.

Publica-se nos dias 10 e 25 de cada mez.

ANNO I

BAHIA 10 DE MARÇO DE 1867

N.º 17.

SUMMARY.

I. TRABALHOS ORIGINAES.—Sobre o modo de conhecer as cobras venenosas do Brazil. II. Contribuição para a historia de uma molestia que reina actualmente na Bahia, sob a forma epidemica, e caracterizada por paralysis, edemico, e fraqueza geral. II. REGISTRO CLINICO — I. Hospital da Caridade; serviço de clinica cirurgica a cargo do Dr. H. M. Pires Caldas. III. RESENHA THERAPEUTICA. IV. VARIE-

DADES.—I. Ovos da solitaria. II. Temperatura dos sexos. V. **INSPECTORIA DE SAUDE PUBLICA**—Relatorio acerca do estado sanitario d'esta provincia durante o anno de 1866. VI. **NOTICIARIO**—Cholera. Febre amarella. Remuneração de serviços medicos na Belgica. Um ju z de paz modelo, em França. A hippophagia em França. Mortalidade na primeira infancia. VII. **CORRESPONDENCIA.**

TRABALHOS ORIGINAES.

Zoologia Medica.

SOBRE O MODO DE CONHECER AS COBRAS VENENOSAS DO BRASIL

Pelo Dr. O. Wucherer.

Quando se dá um caso de mordedura de cobra, convem saber se esta é ou não venenosa, para se poder decidir se é ou não necessario um tratamento bastante severo, e ás vezes até mutilador.

A's cobras venenosas cabe, portanto, um lugar na zoologia medica.

O numero das cobras venenosas é, felizmente, pequeno, em relação ao numero total das especies. O Brazil possui perto de cem especies de cobras descriptas e classificadas, e d'estas apenas perto de uma duzia são venenosas.

Seria muito para desejar que houvesse um caracter distinctivo das cobras venenosas, facil de divisar, para distinguil-as das cobras inoffensivas; podia-nos poupar, n'esse caso, a relação de outras minuciosidades. Ora, um tal caracter tem-o no dente comprido, curvo, percorrido por um canal para a conducção do veneno, e que se acha inserto na frente da bocca, no osso maxillar superior, v. fig. 21, 22. Porém este caracter não é promptamente visivel, é preciso abrir a bocca da cobra para vel-o; havemos mister, por tanto, de outros caracteres mais facéis de conhecer e de distinguir

As cobras venenosas do Brasil pertencem a duas familias, ás Crotalidas e Elapidas. Os dentes conductores do veneno das primeiras são erectis, os das segundas immoveis. Os dentes das Crotalidas ficam ordinariamente en-

costados ao paladar, e, apesar de muito compridos, escondidos nas gengivas. É tão somente nas occasiões de serem empregados contra alguma victima que as pontas são voluntariamente afastadas do paladar, e dirigidas para baixo, v. fig. 22. Este movimento (*de bascule*) é feito pelo osso maxillar superior na sua totalidade, para o que elle tem disposições especiaes. Afora estes, as Crotalidas não teem senão dentes palatinos, v. fig. 21 a, 22 a.

Os dentes das Elapidas conservam-se sempre immoveis. Não são perforados como os das Crotalidas, e mostram apenas um sulco longitudinal na sua superficie convexa, para a conducção do veneno. Tambem as Elapidas não teem outros dentes maxillares superiores, e só palatinos no ceo da bocca. Os dentes sulcados das Elapidas, pela sua posição dianteira na bocca, prestam-se bem ao seu fim.

Ha outras cobras brasileiras que possuem dentes mais compridos do que as outras, e sulcados para a conducção da secreção de uma glandula, mas estão situados muito posteriormente na bocca, v. fig. 23, e são por isso mais difficeis de empregar. Estas cobras são consideradas venenosas por alguns naturalistas, mas parece-nos que o seu veneno serve apenas de anesthetic, e para abrandar a deglutição; pois é só durante este acto, que os seus dentes sulcados posteriores poderiam entrar em acção. (1) O que parece certo é que algumas, senão todas estas cobras com dentes posteriores sulcados, possuem glandulas distinctas das salivares, e de estructura especial, segundo o Sr. Duvernoy. As especies

(1) Conheço, comtudo, exemplo de sua mordedura ter causado uma inflamação assaz aguda no homem.

brasileiras sobem ao numero de trinta. Notamos, de passagem, que ha cobras com dentes maxillares superiores mais compridos, situados posteriormente na bocca, mas que não teem sulco e são totalmente lisos.

Outro caracter distinctivo que pertença exclusivamente ás cobras venenosas, afóra o dente furado acima descripto, não o ha: mas as Crotalidas, de per si, possuem uma particularidade pela qual facilmente se distinguem de todas as mais cobras. É esta particularidade uma cova situada na face, entre o olho e a venta, assimilhando-se á ésta, mas um pouco maior; v. fig. 14, 16, 18. Apresenta-se ella como um buraco fundo, arredondado, com as bordas talhadas á pigte, e que está em relação de contiguidade com o grande dente furado conductor do veneno. Ignora-se a sua serventia physiologica.

Proseguindo em assignalar outros caracteres das Crotalidas, devemos fazer menção de um bem patente, porém que não lhes pertence exclusivamente, é mostrar cada uma das escamas de que é revestido o seu corpo, uma listra longitudinal mediana, como uma quilha, ora mais ora menos saliente, mais ou menos extensa, mas sempre bem visivel; v. fig. 13—18. Este caracter possuem-n'o também algumas cobras innocentes, v. g. a caiana, v. fig. 5, 6, e outras muitas.

As Crotalidas teem a pupilla linear em sentido vertical, fig. 13 até 18, que se dá também em algumas cobras inoffensivas. v. fig. 7, 8, 9, 10. O aspecto physiognomico de todas é maligno, sombrio e feróz. A cabeça é muito mais larga do que o pescoço, chata, de superficie plana, e revestida de escamas listradas (*carennées*) como o corpo, fig. 13—18. Esta particularidade é importante porque todas as mais cobras do Brasil, com excepção tão somente das Boidas, a giboia, v. fig. 9, 10, a sucuryuba etc. teem a cabeça coberta de placas, fig. 1—8, 11, 12, 19, 20. A cabeça larga também se acha em outras cobras, fig. 7.

Synopse das Crotalidas brasileiras.

Face com uma cova (*fossette*) entre o olho e a venta. Cabeça larga posteriormente, mais ou menos pontuda na frente, chata, coberta de escamas imbricadas, listradas como o corpo. De cada lado da frente da bocca um dente (2) comprido recurvado, percorrido por um canal longitudinal, erectil, sem outros dentes na maxilla superior, afóra os palatinos.

(2) Ve-se muitas vezes mais de um dente, porém como o anterior, maior, é caduco, deveu-se considerá-lo os mais como de reserva.

A. Sem chocalho na ponta da cauda; cabeça pontuda na frente, coberta de escamas porém com algumas placas na margem, fig. 13—18. As placas debaixo da cauda em duas series.

Craspedocephalus. (3)

Deste genero conhecem-se até hoje seis especies brasileiras.

1. *C. atrox.* fig. 13, 14.

2. *C. brasiliensis.*

Ambas estas especies chamam-se vulgarmente *Jararaca*, e *Jararacussú* quando são grandes. Os individuos jovens de ambas as especies, por terem a ponta da cauda branca, tem sido considerados, até mesmo por alguns naturalistas, como pertencentes á outra especie, (*Bothrops leucurus.* Duméril e Bibron.) a *caisacca* ou *caisara*, e *jararaca mirim.* (V. um artigo nosso no Jornal: *Proceedings of the Zool. Soc. of London*, lido na sessão de 27 de Janeiro de 1863.)

As duas especies de *Jararaca* assemelham-se tanto uma á outra que teem sido muitas vezes confundidas. No artigo acima citado tentamos assignalar, com mais precisão, os seus caracteres distinctivos, depois de termos examinado minuciosamente uns quarenta specimens; porém omittimos essas minuciosidades por não terem bastante interesse para o fim que aqui nos propozemos.

Ambas as *Jararacas* são pardas, com manchas escuras irregulares, que teem as margens sinuosas e pretas.

3. *C. bilineatus.*

Vulgarmente chamada *surucucú patioaba*, apesar della se parecer mais com uma *jararaca* do que com uma *surucucú*, pois tem a cabeça pontuda na frente, franjada de placas na margem, como a de uma *jararaca*. Conhece-se logo pela sua bella cor verde, e duas listras amarellas ao longo de cada lado do corpo.

4. *C. alternatus.* (*Bothrops alternatus.* Duméril e Bibron.) Esta especie foi descoberta ha poucos annos pelo Sr. d'Orbigny, companheiro de viagem do Sr. Conde de Castelnau. Ainda não a vimos.

5. *C. Castelnaudi* Dum. e Bibron.

6. *C. Landsbergii.* Schlegel.

Estas duas também nos são desconhecidas. É provavel que existam no Brasil ainda outras especies deste genero que não se descreveram, porém os caracteres genericos acima mencionados serão sempre sufficientes para

(3) Este nome vem de *craspedon*, franja, pela serie de placas que franjam a cabeça.

reconhecer em seus indivíduos cobras excessivamente venenosas.

B. Sem chocalho na ponta da cauda; as placas debaixo da cauda em grande parte em uma só serie; a cauda acabando em um aguilhão ou espinho precedido de dez ou doze verticillos de escamas espinhosas, e ganchosas.

Lachesis. (4)

Deste genero conhece-se só uma especie brasileira.

1. *L. muta.* fig. 17, 18. Chamada vulgarmente *surucucú bico de jacca*. Amarella, com grandes manchas rhomboides ao longo do dorso.

C. A cauda acabando em um chocalho.

Crotalus. (5)

Tambem deste genero ha só uma especie no Brasil.

1. *C. horridus.* Fig. 15, 16.

A *cascavel*. É bastante facil de conhecer-se pelo seu chocalho, que falta porém em indivíduos menores, e que teem delle apenas vestigios.

Falta-nos agora fazer algumas observações sobre as Elapidas.

Alem do dente sulcado fixo que ellas possuem na frente da bocca, inserto no maxillar superior, que não é movediço, ellas não teem dentes senão os palatinos. Este caracter é-lhes exclusivamente proprio, entre todas as cobras do Brasil, mas tambem não teem outro pelo qual se tornem facéis de conhecer. O seu esplendido colorido, teem-n'o ellas com outras cobras em commum, que por isso tambem participam do nome vulgar de *cobras coral*. A cabeça das Elapidas é coberta de placas, as escamas que lhes cobrem o corpo são lisas; a pupilla é redonda, caracteres estes que se encontram em muitas outras familias de cobras.

As cobras que vulgarmente se chamam *coral* pertencem á tres familias, e teriamos de entrar em muitas minuciosidades se quizessemos dar a diagnose scientifica de cada uma especie. Para o fim pratico medico que aqui nos propomos bastarão as seguintes observações. Todas as cobras Coral teem um bello escarlata como côr de fundo, e mostram listras transversaes pretas e brancas. Segundo a extensão destas listras e a sua distribuição, se ellas cruzam só as costas, ou circumdam todo o corpo, podem se distinguir as differentes cobras que no Brasil se chamam Coral.

1. Com listras transversaes pretas occu-

pando a circumferencia do corpo, dispostas em igual; mas pequena distancia umas das outras. *Tortrix scytale*, fig. 1, 2. Não é venenosa.

2. Com listras transversaes pretas, occupando a circumferencia do corpo, dispostas em igual, mas muito maior distancia uma das outras. *Elaps corallinus*. fig. 11, 12. Esta é venenosa.

3. Igual á precedente, mas as listras pretas orladas de branco. *Elaps circinalis*. É venenosa, e talvez uma variedade apenas daquella.

4. Com as listras occupando a circumferencia do corpo, mas arranjadas em grupos de tres a tres, sendo a medida de cada grupo mais larga do que as outras duas. *Elaps lemniscatus*. Venenosa.

5. Com listras que não occupam a circumferencia toda do corpo, cruzando apenas as costas; dispostas em grupos de tres a tres, sendo a media mais larga do que as outras duas. *Oxyrhopus trigeminus*. Esta pertence ás cobras que teem um dente maxillar superior e posterior mais comprido, com um sulco longitudinal na sua superficie convexa, reputadas venenosas por alguns naturalistas, e que apenas o são em certo sentido, fig. 23.

6. Com listras pretas occupando toda a circumferencia do corpo, todas dispostas em grupos de duas a duas. *Erythrolamprus venustissimus*, V. fig. 19, 20. Não é venenosa.

Do que precede se vê que todas as cobras coral cujas listras occupam a circumferencia toda do corpo são venenosas (pertencem ao genero *Elaps*), menos duas a *Tortrix scytale* e o *Erythrolamprus venustissimus*.

Parece fora de duvida que se devem encontrar no Brasil outras especies de *Elaps* além das tres mencionadas, mormente nas provincias do norte; contando-se só estas e as oito Crotalidas, seria onze o numero de cobras venenosas brasileiras.

São chamadas cobras, e reputadas venenosas pelo povo, dous animaes que pertencem a outras ordens da classe dos reptis, são as cobras chamadas de *duas cabeças*, uma branca e a outra preta. A primeira, *Amphisbaena alba* pertence á ordem dos Amphisbaenianos, a segunda, *Siphonops interrupta*, á ordem dos Batracianos. A má fama de serem venenosas parece-nos destituida de todo o fundamento. O mesmo devemos dizer a respeito de um reptil vulgarmente chamado *vibora*, mas que pertence á ordem dos Sauros, o *Ophiodes striatus*.

Terminando aqui as nossas observações so-

(4) Uma das parcas.

(5) De krotáo, bater com bulha.

bre o modo de conhecer as cobras venenosas do Brasil, forçoso nos é confessar a sua insufficiencia, se forem olhadas sob um ponto de vista puramente zoologico, mas para o nosso fim pratico era necessaria a concisão. Omittimos a synonymia das especies enumeradas, que seria inutil sem certas explicações; a das jararacas está, de mais á mais, involvida em uma quasi inextricavel confusão; omittimos tambem, como alheias ao nosso proposito, as razões para adoptarmos a nomenclatura seguida.

Em segundo artigo trataremos dos effeitos pathologicos da mordedura das cobras, e dos meios mais usuaes para combatel-os.

Explicação da Estampa.

Fig. 1 e 2. *Tortrix scytale*.

Fig. 3 e 4. *Spilotes corais*. Papapinto.

Fig. 5 e 6. *Spilotes variabilis*. Cainana.

Fig. 7 e 8. *Leptognathus nebulatus*.

As duas figuras precedentes servem de exemplo de cobras com cabeça chata, larga, e com a pupilla linear, que não são venenosas.

Fig. 9 e 10. *Boa constrictor*. Giboia.

Fig. 11 e 12. *Elaps corallinus*. Coral.

Fig. 13 e 14. *Craspedocephalus atrox*. Jararaca.

Fig. 15 e 16. *Crotalus horridus*. Cascavel.

Fig. 17 e 18. *Lachesis muta*. Surucucú bico de jacca.

Fig. 19 e 20. *Erythrolamprus venustissimus*. Coral.

Fig. 21 e 22. Craneo de *Crotalus durissus*, uma especie de Cascavel nort'americana muito semelhante ao nosso *Crotalus horridus*.

Fig. 23. Craneo de *Eurostus dussumieri*. Duméril et Bibron; uma cobra do Hindostão,

A fig. serve para mostrar a dentadura das cobras com dentes maxillares superiores e posteriores sulcados.

Fig. 24. Craneo de *Naja tripudians*, Cobra de capelo; uma especie do antigo mundo, Hindostan etc. servindo como exemplo de uma cobra com dentes maxillares superiores fixos na frente da boca, taes quaes teem as Elapidas. A *Naja tripudians*, porém, differe um pouco das Elapidas por ter já alguns dentes maxillares superiores alem do sulcado.

As figuras 21 até 24 foram aqui admittidas por não termos podido encontrar figuras de craneos de especies brasileiras.

As figuras 1 até 18 foram copiadas da insigne obra do Sr. H. Schlegel. « *Essai sur la physiologie des serpens*. La Haye 1837, e as

figuras 19 até 24 da: « *Erpetologie générale* dos Srs. Duméril e Bibron. Paris 1834 até 1854.

CONTRIBUIÇÃO PARA A HISTORIA DE UMA MOLESTIA QUE REINA ACTUALMENTE NA BAHIA, SOB A FORMA EPIDEMICA, E CARACTERISADA POR PARALYSIA, EDEMA, E FRAQUEZA GERAL.

Pelo Dr. J. F. da Silva Lima,
Medico do Hospital da Caridade.
(Continuação da pag. 185.)

17—Theodora Maria de Jesus, de 22 annos, natural da Jacobina, entrou para o hospital da Caridade em 7 de outubro de 1866. Queixou-se de dôr e peso no baixo ventre, dôr que augmentava á pressão, mormente sobre o utero e seus annexos; melhorou consideravelmente depois da applicação de 10 sanguesugas ao hypogastrio, seguidas de cataplasmas emollientes, unções mercuriaes, e um purgante d'oleo de ricino.

No dia 10 accusou dores e dormencia nas pernas, e tinha alguma difficuldade em andar; a pressão sobre os musculos gastro-enemios era muito dolorosa.

No dia 14 não podia estar em pé nem andar senão apoiada aos moveis, e caminhava arrastando os pés. Vesicatorio entre as espaduas.

17—Disse que sentia menos intensas as dores das pernas, e mais firmeza na estação e no andar. Repetiu-se o vesicatorio um pouco mais abaixo.

18—Deu alguns passos sem apoio.

24—Sentia-se melhor em tudo, mas as pernas ainda estavam dormentes.

29—A pressão sobre os musculos das pernas já não era dolorosa; a doente sentia ardor na pelle, e menos dormencia.

31—Melhor a todos os respeito; caminhava desembaraçadamente: a dormencia desapareceu quasi de todo.

Novembro 3—Sae do hospital: Alem dos vesicatorios sobre a espinha dorsal, o tratamento d'esta doente constou, successivamente, de pilulas de calomelanos, de um grão cada uma, tomando ella tres por dia; pilulas de calomelanos extracto de noz vomica, e extracto de quina: pilulas de strychnina, ferro e quina.

Em 12 de novembro a doente veio consultar-me. Sentia ainda uma ligeira dormencia nas pernas, mas caminhava com firmeza, e julgava-se curada.

N'este caso a paralysisia, alem de incompleta, limitou-se aos membros inferiores: a doente nunca se queixou de dores, dormencia, ou fraqueza dos movimentos nas mãos e nos braços,